

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

WRIGLEY (E. A.). — *Population and History*. Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1969, 254 págs.

Desde que Malthus formulou em 1798 o *First Essay on Population*, sôbre a desproporção entre o crescimento da população em razão geométrica e o crescimento dos produtos alimentícios em razão aritmética, seu conteúdo reaparece sob diversos aspectos na obra de cientistas sociais e governantes. A Revolução Industrial modificou o comportamento demográfico, a distribuição da população, a estrutura do trabalho, a proporção relativa das populações rural e urbana e até as fontes disponíveis para o estudo da população, desde a época em que Malthus apresentou o seu ensaio clássico. Contudo, o seu conteúdo volta a preocupar inúmeras regiões do globo, em diferentes momentos, por razões científicas, humanitárias ou estratégicas. Por volta de 1925 iniciam-se tentativas de reconstruir as experiências de populações do passado em estruturas sociais em mudança, mas somente em 1960 é que tais tentativas tomaram um caráter de interesse internacional.

Tanto nos países ricos quanto nos pobres, a população deixou de ser um dado para converter-se num problema, cujo tratamento quantitativo vem sendo refinado nos últimos anos, a fim de permitir uma reavaliação de simplificações e suposições longamente sustentadas. O rompimento do equilíbrio demográfico mantido entre a mortalidade e a fertilidade pela produção industrial, pela tecnologia agrícola e pelo desenvolvimento de medidas sanitárias transformou as características da população mundial, modificou suas pirâmides de idade e ampliou a expectativa de vida.

As mudanças históricas apresentadas através da demografia incluem todos os homens e mulheres, não apenas os poderosos, bem-nascidos, ricos ou alfabetizados, como escreve Wrigley. Quando os registros ainda existem, é possível descer aos testemunhos da influência de condições sociais e econômicas locais, sôbre o nascimento, a morte e o casamento dos indivíduos. Mas também é verdade que freqüentemente o tratamento estatístico dá um caráter homogêneo a grandes populações, o que, se revela tendências dificilmente analisáveis sem êsse recurso, algumas vêzes confunde algumas distinções menos preciosas, mas importantes dentro das populações, como é o caso das classes sociais ou de diferenças regionais. Apesar disso, os estudos que vêm sendo feitos de Demografia Histórica enriquecem de uma nova perspectiva humana os conhecimentos históricos. Por exemplo, quando Jean Fourastié (“Investigação sôbre o calendário demográfico do homem médio, da vida tradicional à vida terciária”, *Population* Nº 3, 1959) mostra que

“Em França, no fim do século XVII (...) a vida do pai de família médio, casado pela primeira vez aos vinte e sete anos, podia ser assim esquematizada: nascido numa família de cinco filhos, só via metade dos seus irmãos chegarem à idade dos quinze anos;

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

êle próprio tinha tido cinco filhos, como seu pai, só dois ou três dos quais viviam à hora de sua morte.

Este homem, vivendo em média até 52 anos, o que era muito raro e o colocava na categoria venerável dos anciãos, tinha visto morrer na sua família direta (sem falar dos tios, sobrinhos e primos-irmãos) uma média de nove pessoas, uma das quais era um de seus avós (os outros três tinham morrido antes do seu nascimento) os seus dois pais e três dos seus filhos. Tinha passado por duas ou três fomes e, além disso, por quatro ou três períodos de carestia, ligados às más colheitas, que em média voltavam todos os dez anos; além das mortes tinha assistido às doenças dos seus irmãos, dos seus filhos, das mulheres, dos seus parentes e às suas próprias doenças, e havia conhecido duas outras epidemias de doenças infecciosas, sem falar das epidemias quase permanentes de coqueluche, escarlatina, difteria ..., que todos os anos faziam vítimas.”

transfigura-se todo o conhecimento anterior, a partir de outros aspectos da vida do século XVII, desvinculados de uma expectativa de vida, fecundidade, mortalidade e condições sanitárias até há pouco desconhecidas.

O livro de E. A. Wrigley — um dos fundadores do Grupo de estudo de Cambridge da História da População e Estrutura Social — é uma contribuição a essa abertura de novas perspectivas históricas. Ilustrado com diagramas, mapas e tabelas, separa por gravuras e fotografias sugestivas os seguintes temas: Demografia Histórica, O volume das populações, Flutuações das populações pré-industriais, Sociedade e Economia nas populações pré-industriais, População e Revolução Industrial e Mais Ricos e Mais Pobres.

Dentre êsses capítulos destaca-se a análise demográfica da Revolução Industrial. Wrigley destroi uma série de suposições correntes a respeito do papel da Revolução Industrial na mortalidade e na fertilidade e deixa claro que a grande mortalidade inicial foi provocada antes pela urbanização que pela industrialização. A densidade das cidades e o acúmulo de pessoas em cômodos reduzidos facilitaram a propagação de doenças infecciosas e expuzeram crianças e jovens a seu contágio. Todavia, os meios mais rápidos de comunicação e transporte permitiram que as comunidades não ficassem isoladas, dependendo somente de seus recursos quando eram más as colheitas e graves as epidemias. Os progressos agrícolas reduziram as fomes que assolavam periódicamente as populações da era pré-industrial. Ora, a falta de alimento e de abrigo adequado e limpo propiciam o contágio rápido de doenças infecciosas. A Revolução Industrial não só tornou barato o sabão, como barateou a roupa de algodão que podia ser lavada facilmente, estabeleceu leis contra a venda de alimentos deteriorados mas, acima de tudo, permitiu o aumento do salário real dos trabalhadores. É êste dado básico que de fato “revoluciona” a estrutura demográfica dos países industrializados, pois permite mais alimento, de melhor qualidade, mais saúde e mais educação. São estas as condições que reduzirão muito a mortalidade. Paradoxalmente, aumentam e não diminuem os índices de fertilidade. Torna-se maior o número de crianças que vive com os pais numa unidade familiar, pois há menos mortes de crianças, menos casamentos rompidos pela morte prematura de um dos cônjuges; aumenta com isso o índice de fertilidade e, com o aumento

do salário real torna-se possível não colocar tão cedo as crianças a serviço de outras pessoas.

Como observou o *Times Literary Supplement* (de 5/III/1970, p. 262) os estudos de demografia reúnem inúmeras vantagens para os que ensinam História. Não só canalizam um novo interesse para o passado, como permitem a introdução de respeitáveis métodos quantitativos, quase sempre ausentes dos panoramas históricos. A demografia sugere inúmeras modalidades de trabalhos de campo e projetos, enquanto esclarece um dos problemas mais decisivos do mundo moderno. Além disso, introduz na sala de aula problemas expressivos e atuais como o da limitação da natalidade e do desenvolvimento da medicina, e de sua distribuição desigual pela população.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE.

* *

*

PINEAU (Henri). — *La côte atlantique de la Bidassoa à Quiberon dans l'Antiquité*. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches-Historiques. VIe Section. Coleção "Mémoires de photo-interprétation". Paris. 1970, 92 pp., 44 cartas e 13 fotografias aéreas. 49 F.

A obra apresentada com esse título tem por objeto a reconstituição da topografia antiga de um setor determinado do litoral atlântico da França e a localização, sobre essa reconstituição, das paisagens, sítios e lugares indicados pelos autores antigos ou definidos pelas coordenadas geográficas de Ptolomeu.

Esse estudo proporciona dados preciosos sobre os problemas relativos às ilhas, estreitos, passagens, baías e restingas da Antiguidade. Em contacto com documentos topográficos preciosos e completos e as fotografias aéreas, essa obra constitui uma excelente base, para o estabelecimento do balanço da evolução desse litoral, desde o início da nossa era e determina a tendência evolutiva dos diversos setores costeiros.

E.S.P.

* *

*

RICHE (Pierre). — *De l'éducation antique à l'éducation chevaleresque*. Coleção "Questions d'histoire". Flammarion, Paris, 1968, 124 páginas.

Neste livro, o autor traça o esboço de uma história da educação, abrangendo o período que medeia entre os séculos V e XI, séculos que testemunharam o final do mundo antigo e os primórdios da época medieval.